

A conjuntura da invasão aliada no dia D sob perspectiva das tropas aerotransportadas

CAMPOS, Flávio Rafael Mendes¹

Resumo: A invasão aerotransportada no Dia D (Operação Overlord) em 6 de junho de 1944 na Normandia, foi uma das maiores empreitadas operacionais ocorridas na Segunda Guerra Mundial. Mais que uma vanguarda logística e tática, essa operação era de vital importância na conjuntura e nos processos de relações político-sociais entre os aliados ocidentais e o mundo socialista soviético. Este trabalho tem como objetivo analisar o fato ocorrido destacando as características, as peculiaridades e condições sobre as tropas aerotransportadas e onde estas engajaram-se na luta contra a Alemanha especificamente na Normandia. Caso a operação aerotransportada não tivesse êxito seria um fiasco para os aliados e uma catástrofe a mais para carregar, por outro lado sem ela, as tropas aliadas que chegariam as praias poderiam ser vencidas devido aos reforços alemães constantes que iam de encontro a elas. Assim essa operação não era só de alto risco, mas era também vital para o sucesso. Analisando o ocorrido através de uma gama diversificada de autores podemos compreender melhor os fatos que muitas vezes são complexos ou uniformes dependendo da historiografia analisada.

Palavras-chave: Tropas Aerotransportadas; Dia D; Normandia.

The conjuncture of invasion allied on day D under the perspective of airborne troops

Abstract: The D-Day airborne invasion on June 6, 1944, in Normandy, was one of the largest operational engagements in World War II. More than a logistic and tactical vanguard, this operation was vitally important in the conjuncture and in the processes of socio-political relations between the Western allies and the Soviet socialist world. This work has as objective to analyze the fact happened highlighting the characteristics, the peculiarities and conditions on the troops airborne and where these engaged in the fight against Germany specifically in Normandy. If the airborne operation was unsuccessful, it would be a fiasco for the allies and an additional catastrophe to carry, otherwise without it, the allied troops who would reach the beaches could be defeated due to the constant German reinforcements that went against them. So, this operation was not only high risk, but it was also vital to success. Analyzing what happened through a diverse range of authors we can better understand the facts that are often complex or uniform depending on the historiography analyzed.

Keywords: Airborne troops; Day D; Normandy.

INTRODUÇÃO

A vanguarda da invasão aliada no Dia D executada pelas forças aerotransportadas foi um fato ocorrido durante o conflito que deve ser revisto para

¹ Graduado em História pela Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira (2015). Especialista em História Social e Contemporânea na Universidade Cândido Mendes (2017). E-mail: flavio6629@gmail.com

sanar lacunas na historiografia específica. Esse episódio é marcado por uma situação emblemática na execução das ações militares feitas por essas tropas. 6 de junho de 1944, não é meramente uma data recordativa da invasão aliada na região da Normandia, durante a Segunda Guerra Mundial. Longe dos preceitos e das visões tendenciosas sobre o fato, várias questões acerca do mesmo veem sendo levantadas. Sobretudo, quando alguns fatos sobrepõem outros, que por vezes são de forma não intencional na historiografia.

A invasão da Normandia ocorreu em um período crucial dentro das perspectivas que os processos das conjunturas geopolíticas e sociais da época foram por assim dizer: determinantes para o fato. Uma vez que essa operação foi fundamental para a execução de um dos mais importantes pontos de partida para o fim do conflito, além de ser executado sob âmbito de fundamentos ideológicos que se entrelaçavam nas relações e alianças internacionais mais peculiares possíveis com intuito de deter a “máquina de guerra alemã”.

Ambrose (2007), Beevor (2010), Cawthorne (2012), Hobsbawm (2001), Jordan (2011), Lewin (1979), Ryan (2004); norteiam a pesquisa desse texto. Através desses autores podemos construir uma análise crítica, sobre o processo de ações causadas pelas tropas aerotransportadas e como os resultados dessas influenciaram na obtenção dos objetivos pretendidos a alcançar no Dia D, considerando os meios circunstanciais, fatores relevantes como: logística, conjuntura de equipe, condições dos indivíduos e a mobilidade dos contingentes em campo que fazem parte do objetivo primordial deste estudo.

Diante de diferentes pontos de vista sobre a conjuntura da invasão aliada podemos: analisar, compreender e descrever os vestígios históricos que por muitas vezes expressam particularidades sobre ocasiões vivenciadas no Dia D, determinando várias circunstâncias dos envolvidos no decorrer do conflito.

O que aconteceu naquela noite e sucessivamente ao longo do dia atrás das linhas inimigas, sugere uma vasta gama de memórias. Por muitas vezes íntima, assim há diversas conclusões pessoais e diferentes de um acontecimento, levando em consideração as limitações de espaço, lugar e tempo em que estes sujeitos históricos estavam inseridos.

A IMPORTÂNCIA DA CONJUNTURA POLÍTICA INTERNACIONAL PARA A REALIZAÇÃO DA INVASÃO NA FRANÇA EM 1944

A operação Overlord² tinha como objetivo abrir uma segunda frente de batalha na Europa Ocidental ocupada e com isso enfraquecer o poder militar alemão que estava provocando severas condições aos soviéticos no Leste. Na perspectiva britânica na luta contra a Alemanha até aquele momento, gerou incertezas quanto as futuras condições de ataques, pois suas ações anteriores semelhantes resultaram em desastres como: a Retirada de Dunquerque-França, Retirada de Narvik-Noruega e da Grécia em 1940.

Entretanto, a operação Overlord foi de vital importância para o desenvolvimento da guerra na Europa, pois seu emprego estava correlacionado a fatores na conjuntura das relações políticas internacionais.

Segundo (CAWTHORNE, 2012, p.17) os americanos deveriam fazer uma averiguação quanto a possibilidade de uma invasão. Os americanos receosos quanto à um colapso das campanhas russas, começaram uma articulação para invadir o norte da França. Mas os britânicos se mostravam confusos quanto a incertezas de um desembarque anfíbio.

A União Soviética que lutava em uma campanha desgastante e sangrenta no front europeu-oriental que resultava em severas perdas tanto no campo material quanto no humano, ao ver as campanhas de avanço dos britânicos e americanos no Norte da África e Mediterrâneo, deduziram sobre as formas de estratégia dos aliados, gerando ideias negativas sobre as ações que futuramente seriam tomadas pelos mesmos.

De certa forma uma guerra cautelosa, vantajosa para os mesmos e sem objetivos a curto prazo, pois naquele contexto era a União Soviética a mais prejudicada, gerando incertezas.

Assim os soviéticos resumiram que toda essa situação era na verdade uma espécie de conspiração dos aliados do Ocidente. Supondo-se que os aliados iriam avançar na medida do possível, continuar a ajuda logisticamente aos soviéticos, mas sem tomar ações críticas, atravessar a Europa rendida, recolher os despojos e cantar vitória com o mínimo de esforço, no pensamento soviético da época: os aliados lutarão até o ultimo russo.

Na outra extremidade política e ideológica, os aliados achavam que o avanço rápido dos russos era motivado por interesses como a ocupação de áreas e

² Codinome da invasão do Dia D: 6 de junho de 1944.

regiões que antes da guerra eram de outro governo e assim temendo uma ocupação e abrangência ideológica soviética nos países da Europa Ocidental os aliados aceleraram os preparativos e os planejamentos de uma abertura de frente de combate através de uma invasão aero anfíbia pela costa francesa rumo à Alemanha, já que o avanço pela Itália estava a passos lentos e em meados de 1943 totalmente estagnados. Assim, o tempo era crucial. Entretanto, HOBSEAWM, 2001 diverge sobre as pretensões soviéticas, em suas análises ele relata:

O medo da revolução social, e do papel dos comunistas nela, era bastante real, como provou a segunda onda de revolução durante e após a Segunda Guerra Mundial, mas nos vinte anos de enfraquecimento do liberalismo nem um único regime que pudesse ser chamado de liberal-democrático foi derrubado pela esquerda. (HOBSEAWM, 2001. p.116)

As rivalidades de cunho políticas e ideológicas foram deixadas por hora de lado. Isso já era realidade na esfera social americana em seu período de neutralidade. Apesar da política anticomunista exercida pelos Estados Unidos até então, ela é trocada por uma onda de auxílio mútuo com o fim do isolacionismo e sua certa entrada na guerra. Os americanos começam a cada vez mais intervir no auxílio bélico aos seus aliados que incluía os soviéticos, essa afirmativa veio com a extrema intensificação do programa Lend-Lease³. Segundo Hobsbawm, “Quando perguntados, em janeiro de 1939, quem os americanos queriam que ganhassem, se irrompesse uma guerra entre a União Soviética e a Alemanha, 83% foram a favor de uma vitória soviética, contra 17% de uma alemã. (2001. p. 145)

Devido ao comprometimento em operações anteriores e de grandes recursos utilizados para os mesmos, a invasão sob solo francês foi adiada até 1944. Até o momento, as operações na Europa eram incertas tendo a ideia francesa e inglesa que os esforços deveriam se concentrar em operações no Mediterrâneo, avançando a partir do sul. Até mesmo, uma outra perspectiva de ação diferente foi levantada pelos ingleses, como a invasão à Noruega ou pelo Sul da Europa, que era uma obsessão de Churchill. Entretanto, os planos em torno dessa operação futura sob solo europeu foi uma verdadeira controvérsia.

Na conferência de Quebec em 1943 as principais divergências sobre o avanço pela Europa levavam as lideranças aliadas à diversas dúvidas, desde o local

³ Programa de empréstimos de suprimentos, onde os Estados Unidos ajudaram várias nações ao longo da Segunda Guerra Mundial. Este programa de empréstimos foi inicialmente visto como uma manobra política americana frente ao momento isolacionista do governo no começo do conflito mundial.

pretendido para começar até as diversas burocracias e regulamentações para os planos futuros, com estratégias britânicas e americanas tentando prevalecer como: possíveis e viáveis. Onde até mesmo a ideia de avanços conjuntos em várias localidades poderia ser realizado no campo de batalha. Lewin destaca que:

O fato da vulnerabilidade da proposta não haver sido exposto imediatamente pode ser considerado em decorrência de outro fato: em Quebec, todas as discussões que envolveram o teatro de operações do Sul foram dominadas por um aspecto de maior destaque, isto é, pela tentativa inglesa de fazer os americanos compreenderem que uma política de avanço pelo mediterrâneo contribuiria diretamente para o sucesso de Overlord e não deveria ser considerada como diversionária. (1979. p.253)

No entanto, ambas as partes ficaram relativamente satisfeitas com o plano da invasão da França em 1944 a partir da Grã-Bretanha depois de várias reuniões e discursões. Diversas vezes para enfatizar a decisão da operação, Stalin descreveu com otimismo o fato e após sua execução fez elogios exaltando a empreitada bélica aliada contra os Alemães na França.

Joseph Stalin, o líder soviético durante a Segunda Guerra Mundial, ao falar sobre o desembarque dos Aliados na Normandia em 6 de junho de 1944, disse que a história da guerra não conhece um empreendimento comparável a este em amplitude de concepção, grandeza de escala e domínio de execução. (CAWTHORNE, 2012. p.09)

A operação Overlord, foi um plano desenvolvido pelo almirante da marinha inglesa, Sir. Bertram Ramsey, ele foi um grande estrategista na guerra anfíbia; além dele outra figura importante foi o comandante da operação General americano Dwight D. Eisenhower. Existe uma certa rivalidade sobre esse acontecimento, algumas fontes relatam que o Dia D foi planejado por outra pessoa, o general britânico Sir Frederick Morgan, caracterizando uma questão clara de disputa por prestígios através de nomeações de indicados para o cargo de chefia. Jordan relata que:

A responsabilidade pelo planejamento foi designada ao general britânico Sir Frederick Morgan, nomeado chefe de estado-maior do comandante supremo aliado, ou COSSAC (Chief of Staff of Supreme Allied Commander). Na verdade, o general não estava subordinado a ninguém durante os primeiros meses do planejamento, quando a Normandia foi identificada como a melhor área para a invasão. Somente em 7 de dezembro de 1943 o general Dwight D. Eisenhower seria nomeado como supremo comandante (2011. p.169)

PLANEJAMENTO DO DESEMBARQUE AEROTRANSPORTADO NA NORMANDIA

O desembarque aerotransportado no Dia D em 6 de junho de 1944, veio da necessidade de dar suporte as tropas que chegariam no litoral através do desembarque anfíbio. A invasão basicamente era transpostar homens e suprimentos em mais de 7.000 embarcações sob segredo até o litoral normando francês em virtude de abrir uma cabeça-de-ponte para que reforços baseados em toda a Grã-Bretanha desembarcassem na Normandia em um ponto pré-determinado dividido em cinco praias com codinomes diferentes (Utah, Omaha, Gold, Sword e Juno) e assim, rumassem pela França adentro. Nas praias Utah e Omaha os americanos desembarcariam seu exército, em Gold e Sword os britânicos e em Juno o exército canadense.

Para assegurar que esse plano de partes frágeis se realizasse com sucesso, uma invasão aerotransportada foi realizada com o objetivo de fechar os flancos⁴ que davam acesso as praias de desembarque, desarticulando as estruturas vitais para o exército alemão. Essas estruturas eram variadas e podiam ser: torres de transmissão, linhas de trens, baterias de canhões que atiravam contra as praias. Além disso, deveriam realizar o trabalho de segurar o contra-ataque por parte de grupos do exército alemão estacionados mais para o interior da Normandia, fazendo assim com que as tropas de desembarque dos exércitos aliados na costa que chegariam as praias tivessem um trabalho menos custoso com menor perda de tempo.

O plano da invasão aerotransportada foi vista muitas vezes como ineficaz pelo general Marshall. Segundo (AMBROSE, 2007, p. 106) Marshall via na ação das tropas aerotransportadas resultados mínimos, conseqüentemente pouco relativo para o resultado da operação do Dia D. A concepção de tropas aerotransportadas foi animador mas suas ações eram arriscadas demais em determinados contextos.

A concepção da invasão aerotransportada sempre sofreu críticas afetando diretamente e indiretamente o trabalho de seus soldados. Seu uso seria medido pelo seu desempenho em campo, este, diretamente relacionado com sua forma de conduzir suas operações. Esses fatores compreenderiam: agilidade, agressividade, movimentação sigilosa e assaltos surpresas. Entretanto, os soldados paraquedistas estavam dependentes das operações dos transportes aéreos. Se fossem bem-

⁴ Termo militar usado em manobra tática ofensiva que visa contornar as posições inimigas atacando seus lados ou sua retaguarda.

sucedidos em seus lançamentos nos locais certos, a probabilidade de seu sucesso seria aumentada.

Acertado as discordâncias e divergências de opiniões, a invasão foi marcada para a madrugada, horas antes das tropas de desembarque anfíbio chegassem às praias. Este fato entretanto, não deixou ninguém com extrema confiança ou sentimento de vitória absoluta. Segundo (BEEVOR, 2010, p.33) Eisenhower não era o único com temor diante da enormidade que ocorreria. Churchill parecia eufórico com a situação, enquanto o marechal de Sir Alan Brooke escreveu em seu diário que sentia “um vazio na boca do estômago”.

A ATUAÇÃO DAS TROPAS AEROTRANSPORTADAS NO DIA D

Para evitar empecilhos e possíveis situações catastróficas envolvendo as tropas paraquedistas aliadas (parte importante das forças conjuntas aerotransportadas), como à ocorrida com tropas paraquedistas alemãs (Fallschirmjager) na invasão a Creta; os aliados desenvolveram um método de aplicação onde destacamentos de tropas batedoras saltavam na região pré-determinada e marcavam as zonas de salto em locais específicos, analisando onde o relevo, a vegetação, as condições das densidades e movimentações de tropas inimigas não atrapalhassem a chegada e conseqüentemente o salto do “grosso” das tropas aerotransportadas.

Entretanto, houve problemas durante seu transporte, uma formação de nuvens sobre a costa forçou os aviões que os transportavam a manobrem para ficar acima ou abaixo delas. Ou seja, os Batedores tiveram que saltar de altitudes elevadas demais ou baixas demais na Normandia. Além disso, o fogo antiaéreo obrigou os pilotos a tomarem medidas evasivas, fazendo lançamentos fora da rota.

Alguns aviões explodiram, ou mergulharam em direção ao chão. Os pilotos foram instruídos a reduzir a velocidade para 145 km/h no lançamento, para minimizar o impacto sobre os homens ao pularem. Contudo, um avião voando a 182 metros e 145 km/h é um alvo fácil e, assim, os pilotos empurraram o acelerador para até que atingissem 241 km/h. (CAWTHORNE, 2012, p.98).

As condições ao qual alguns elementos dos batedores se envolveram, fora muito imprevisível para a atuação dos mesmos, na decorrência da situação caótica e de extrema pressão alguns batedores fizeram coisas temerárias e até mesmo perigosas.

O soldado de primeira classe Frederick Wilhelm ficou tão estonteado ao cair ao solo, que ligou uma das grandes lâmpadas de demarcação que trazia. Só queria

ver se ainda estava funcionando, estava. Subitamente, o campo ficou inundado de luz, deixando Wilhelm ainda mais assustado do que teria ficado, caso os alemães tivessem começado a disparar contra ele. (RYAN, 2004, p.133)

Uma equipe de batedores saltou no Canal da Mancha, tamanha desorientação dos pilotos, além disso, das dezoito equipes que saltaram apenas uma chegou ao ponto exato estabelecido pela equipe de inteligência da operação. Alguns caíram a distancias consideráveis dos locais exatos para demarcação. Meia hora depois dos batedores, a força principal aerotransportada começava a descer na Normandia, mesmo que fosse em locais equivocadas involuntariamente. Esse trabalho era considerado por muitos paraquedistas como a afirmação do suicídio, em decorrência de sua extrema periculosidade.

Diferentemente das situações que os paraquedistas enfrentaram após o salto, as condições dos locais da queda sempre se relacionavam com as consequências de suas futuras ações. Assim o bom desenvolvimento das campanhas está condicionado à zona de salto. Se o soldado cair muito longe das zonas de saltos programadas, seus objetivos também estavam comprometidos.

Uma junção de condições fez muitos paraquedistas morrerem à toa. Pilotos inexperientes fazendo um trabalho complexo como esse, além da própria natureza que os alemães a utilizaram a seu favor. Os lençóis de água e os atoladouros artificialmente inundados justamente para evitar invasões aerotransportadas nessa região; isso foi uma armadilha mortal.

As comportas do rio Merderet foram sistematicamente abertas e fechadas e isso não foi captado pelo reconhecimento aéreo. Na ocasião em alguns locais a água não tinha nem um metro de profundidade, entretanto, isso já era suficiente para afogar um paraquedista totalmente equipado que não conseguisse se livrar rapidamente do paraquedas. (CAWTHORNE, 2012, p.100)

Mesmo sob condições precárias diante da ação, a invasão aerotransportada seguia seu ritmo e buscava seus objetivos.

Em contraste com quase todos os outros batalhões, o 2º do 505º Regimento fez um salto excelente. Seus precursores tinham pousado no lugar exato e prepararam seus rádios e suas luzes. O piloto que liderava, num Dakota que conduzia o comandante do batalhão, tenente-coronel Benjamin Vandervoort, viu o T iluminado exatamente onde esperava. À 1:45, vinte e sete dos trinta e seis grupos de paraquedistas do batalhão ou haviam atingido a zona de lançamento ou pousado dentro de uma milha de distância. Dentro de meia hora ele tinha 600 homens em torno, nenhuma outra unidade com efetivo semelhante conseguira uma reunião tão completa com tanta rapidez. (AMBROSE, 2007. p.247)

OBJETIVOS E DIFERENCIAÇÕES DAS TROPAS AEROTRANSPORTADAS

Logo após o salto na madrugada normanda, milhares de paraquedistas chegavam ao solo na vanguarda da Operação Overlord. Sua concentração esparsa ao longo da Normandia foi em um primeiro momento, um blefe perfeito para confundir a inteligência e as lideranças alemãs. Não cercaram toda a retaguarda das praias onde a invasão anfíbia aconteceria, ao contrário, fixaram-se nos flancos da invasão.

Essa ação proporcionou uma verdadeira dor de cabeça para o Estado-Maior alemão no primeiro momento. Sua conclusão foi que os paraquedistas estavam ali como uma força de dispersão para a verdadeira zona de desembarque, onde supostamente achava-se que seria no Passo de Calais ou em outro lugar litorâneo ao longo da costa francesa e não ali na Normandia.

Segundo (AMBROSE, 2007, p. 237; BEEVOR, 2010, p.82). Na eventual operação de desembarque aerotransportado aliado na Normandia, as forças foram compostas em sua contingência por três divisões de exércitos aliados. A 6ª Divisão Aerotransportada Britânica, comandada pelo General de brigada Richard Gale; a 82ª Divisão Aerotransportada comandada pelo General Matthew Ridgway e a 101ª Divisão Aerotransportada pelo General Maxwell Taylor, ambas Estadunidenses.

As tropas aerotransportadas tinham em sua característica saltar de paraquedas em zonas de salto geralmente atrás de linhas inimigas no campo de combate, por meio de transporte de aviões pesados onde tinham objetivos pré-estabelecidos. Tomando posições importantes logo após, essas tropas aguardariam a chegada de reforços e armamento pesado trazidos por meio de planadores rebocados por outros aviões.

As forças aerotransportadas britânicas tinham o objetivo de proteger o flanco esquerdo das zonas de desembarque anfíbio aliado, ocupando e defendendo a área entre o rio Ornes e o Dives, destruindo pontes essenciais para impedir a chegada de reforços e grupos de blindados alemães que estavam estacionados a leste de sua posição e fixando-se ao sul para enfrentar os esperados contra-ataques da 21ª Divisão Panzer do exército alemão; além de destruir a bateria de canhões em Merville. Algumas horas depois dos primeiros saltos à maioria dos objetivos britânicos estavam sendo executados.

Richard Gale montou seu quartel-general de sua divisão perto da ponte de Ranville, ali ele recebeu reforços de batalhões que chegariam nos planadores, além de trazerem jipes, canhões anticarro, armamento pesado e equipes da

inteligência e da estrutura burocrática do exército para o epicentro do conflito. (BEEVOR, 2010, p.86)

Ambrose relata o ocorrido em sua obra com um tom de ceticismo:

Quando a noite caiu, a 6ª Divisão Aeroterrestre estava no lugar. Os pára-quedistas estavam, nas palavras de Huw Wheldon, “a salvo em terra firme”, e o que é mais, muitos de nós, provavelmente a maioria, estávamos onde se esperava que estivéssemos”. Mas o Exército britânico como um todo não alcançara a sua meta de tomar Caen e Carpiquet. Algo semelhante a uma paralisia havia se insinuado nos homens. As tropas pára-quedistas britânicas que iam entrar em combate logo depois da meia-noite e aquelas que haviam chegado de manhã e à tarde, haviam-se envolvido em audaciosas e agressivas operações ofensivas. Menos de vinte e quatro horas depois elas estavam na defensiva, entrincheirando-se, esperando por contra-ataques. Elas logo lamentariam não ter investido contra Caen enquanto os alemães estavam em estado de choque e desorganização. (AMBROSE, 2007, p.702)

As forças aerotransportadas americanas tinham como objetivos estabelecer-se ao leste das praias de desembarque anfíbio aliado: O plano da 82ª Divisão Aerotransportada era saltar de ambos os lados do rio Merderet e tomar a cidade de Sainte-Mère-Église. Isso bloquearia a estrada e a ligação da linha férrea com a cidade de Cherbourg (local importante em decorrência de seu porto de águas profundas). Também deveriam chegar às pontes do Merderet onde seriam capturadas para que as tropas que chegassem por desembarque anfíbio avançassem rapidamente para o interior e posteriormente para o norte cercando a região da Península do Cotentin, e assim, inutilizando ali as defesas alemãs.

A 101ª Divisão Aerotransportada, lançada mais perto da praia de desembarque anfíbio de codinome Utah, naquela região, tomaria as passarelas que levavam a ela pelos charcos⁵ inundados, defenderia algumas pontes e uma eclusa do rio Douve, entre a cidade de Carentan que (ficava na base da península do Cotentin) e o mar.

Diferentemente do transcorrer das ações das tropas aerotransportadas britânicas, os americanos tiveram suas ações atrapalhadas ou alteradas conforme suas tropas chegavam ao local pelo transporte aéreo. Assim que os aviões chegaram ao litoral, entraram num denso acúmulo de neblina, os pilotos incapazes

⁵ Os charcos são massas de água parada ou de corrente muito reduzida, de carácter permanente ou temporário, de tamanho superior a uma poça (pequena massa de água efêmera, que normalmente é possível atravessar com um só passo) e inferior a um lago (massa de água com mais de 1 hectare (ha.) de superfície e uma profundidade que permite a sua estratificação). Os charcos diferenciam-se dos lagos e das lagoas pela sua baixa profundidade, penetração total da luz na água, possibilidade de ocorrência de plantas em toda a sua área e ausência de estratificação da temperatura da água e de formação de ondas. Fonte: <http://www.charcoscomvida.org/charcos/o-que-e-um-charco>; Acesso em: 20/12/2016.

de enxergar temeram colisões e assim a confusão começou. Os pilotos deram força total nos motores assim que saíram da névoa e se viram sob fogo das baterias antiaéreas da Península, embora isso fosse estritamente contra as ordens muitos pilotos fizeram essa manobra. A inexperiência dos pilotos aliados era evidente, sobretudo a dos americanos.

A dispersão causada pelos americanos foi desastrosa e involuntária que se efetivou como uma falha de planejamento, alguns objetivos nunca foram alcançados. O elemento aerotransportado do ataque do Dia D passou por dificuldades de execução, conseqüentemente muitos soldados paraquedistas se veem naquele momento à quilômetros de distância de suas zonas de salto e para seus objetivos.

Nos relatos de RYAN, 2004 os americanos tiveram um verdadeiro contratempo com suas ações causadas pelos lançamentos equivocados das tropas em locais errados, principalmente o ataque contra Sainte-Mère-Église:

O encontro em Ste.-Mère-l'Église foi o prelúdio ao principal ataque aerotransportado americano. Porém no esquema geral das tropas, essa escaramuça inicial e sangrenta foi totalmente acidental. Embora a aldeia fosse um dos principais objetivos da 82ª Aerotransportada, a verdadeira batalha pela posse de Ste.-Mère-l'Église ainda deveria ser travada. Muita coisa tinha de ser realizada antes do assalto, porque a 101ª e a 82ª divisões, como as britânicas, estavam correndo contra o relógio. (RYAN, 2004. p.169)

Em Cawthorne (2012) fica evidente a categorização de seus relatos enfatizando os maus resultados da invasão aerotransportada por parte dos americanos.

Apenas 4% da 82ª pousou em zona de salto a oeste do rio Merderet. Três dias depois, a 82ª permanecia com um terço de seu efetivo, e 4 mil homens estavam desaparecidos. Com isso, a 82ª não conseguiria capturar todas as estradas e vias na área dos rios Merderet e Douve. A situação da 101ª era ainda pior e a divisão só conseguiu reunir mil de seus 6 mil homens. (CAWTHORNE, 2012. p.100)

A invasão aerotransportada provocou naquele momento uma espécie de desconhecimento para os alemães. As diversas lutas esporádicas, falta de comunicação, o desencontro de informações além do estado de frenesi provocado pelas tropas aerotransportadas aliadas nos alemães, de algum modo, estava funcionando a favor dos aliados e a invasão anfíbia estava a caminho. O fator de desconhecimento sobre o que estava acontecendo foi importantíssimo para as ações negativas dos alemães naquela ocasião, segundo o relato de AMBROSE, 2007:

Os alemães não podiam dizer que se tratava de uma invasão, de uma série de incursões espalhadas, de uma diversão para preceder desembarques no passo de Calais ou uma operação de suprimento à Resistência. De um modo geral, todavia, embora atirassem nos aviões que passavam, falharam completamente em lidar com a verdadeira ameaça. Aqui e ali comandantes de companhias locais enviavam patrulhas para investigar rumores de pára-quedistas na área, mas na maioria dos casos a Wehrmacht⁶ permaneceu nos quartéis. A doutrina da Wehrmacht era contra-atacar imediatamente a qualquer movimento ofensivo, mas não nesta noite. (AMBROSE, 2007, p. 259 e 260)

A partir daí foram dois fatores na vida das tropas aerotransportadas: O primeiro foi sua contínua ação, fundamental para manter as posições e estrategicamente segurar os contra-ataques alemães vindos do interior para mais longe possível das praias e de seus flancos, onde era crucial para o melhor desempenho desses desembarques.

O segundo fator importante era o tempo, essas tropas lutavam atrás das linhas inimigas, ou seja, não tinham linhas de suprimento nem de retaguarda. O que existia eram duas formas importantes no modo de agir das divisões aerotransportadas: a formação de uma zona de atuação onde a velocidade da ação de assaltos resultava na captura de locais e objetivos específicos importantes. E a execução de um perímetro defensivo rapidamente, ou seja, estavam sempre cercados e sua capacidade bélica era sempre limitada, mesmo com auxílio das armas pesadas vindas com planadores.

Com este fator destaca-se a importância do tempo, essas tropas tinham o trabalho basicamente de guardar posições estratégicas, situar-se e responder a eventuais ações dos inimigos, para a chegada de tropas regulares a partir da movimentação de uma frente de combate normal.

Se as tropas regulares que chegariam as praias demorassem muito para render as tropas aerotransportadas, uma situação crítica poderia acontecer sobre elas. Basicamente era uma via de mão dupla, as tropas aerotransportadas dependiam das tropas do assalto anfíbio, tanto quanto as tropas do assalto anfíbio dependiam da ação vanguardista das tropas aerotransportadas para o sucesso do Dia D.

AVALIANDO OS RESULTADOS OBTIDOS

⁶ Tradução: Força de Defesa. O conjunto das forças armadas alemãs durante 1935 e 1946.

No final do Dia D e conseqüentemente alguns dias depois, as divisões aerotransportadas americanas tinham sido praticamente postas fora de combate, não havia de fato como realizar naquele momento nenhum suporte a eventuais avanços junto com as forças principais que continuavam a avançar para o interior, a divisão aerotransportada britânica também havia sofrido pesadas e severas baixas, mas estava em “condições melhores”.

Considerando pontos chaves para o sucesso da Operação Overlord, alguns devem ser pré-estabelecidos. O domínio aéreo foi elemento essencial para o sucesso da operação. A Luftwaffe (força aérea alemã) havia sido derrotada muito antes do Dia D, a relação entre as forças aéreas aliadas para com a alemã era de aproximadamente cinquenta para um, fator crucial levando em consideração que a vanguarda do ataque inicial da Operação Overlord foi a invasão aerotransportada, de modo que sem a superioridade aérea exercida na França por as forças aliadas, tal façanha jamais tivera saído das teorias de planejamento.

Apesar da coragem e determinação de cada um dos soldados e da capacidade de alguns comandantes isoladamente, os aliados em termos táticos, ainda estavam muito longe da capacidade de seus inimigos alemães (das forças da Wehrmacht ou da Waffen-SS⁷). Durante toda a campanha da Normandia e ainda posteriormente, os alemães superariam seus inimigos taticamente em quase todos os combates, apesar da enorme disparidade de recursos e da superioridade logística que tinham acabado. Aquele era um exército profissional que apesar de estar em declínio estrutural continuava mostrando competência.

Após receber os primeiros impactos e ações por partes dos aliados, os alemães poderiam até perder terreno, mas logo se veriam na vantagem lutando de forma orgânica após o fim das praias. As divisões Panzer afastadas da área de desembarque seriam alertadas mesmo com contratempos e chegariam à zona de combate, as divisões de infantaria mais afastadas das praias e das zonas de pouso dos paraquedistas não receberiam um choque emocional momentâneo; uma guerra de atrito se configuraria a partir daquele ponto. Entretanto, em BEEVOR, 2010 há uma ressalva sobre os declínios dos alemães no Dia D em uma determinada perspectiva:

⁷ Waffen-SS (SS em armas ou Braço Armado do Partido Nazista), a principio formados somente por “arianos”. Mas, logo após o transcorrer da guerra e sua intencificação, foram convocados estrangeiros de diversas partes dos países ocupados. Eram mantidos pelos fundos militares do Estado, como componentes em termos de parcialidade, das Forças Armadas Alemãs (Wehrmacht).

Um exemplo dessa situação de choque de batalha foi o do soldado alemão Rainer Hartmetz que voltou até o posto de comando de sua companhia para pegar mais munição. Chegando lá se deparou com o comandante da mesma, totalmente bêbado e murmurando para não haver recuo por parte dos soldados de sua companhia; e dois homens em choque profundo que não conseguiam falar, nem sair do canto. (BEEVOR, 2010, p.97)

Os alemães foram pegos de surpresa, a maioria de seus comandantes nunca acreditou que os aliados invadiriam a França pelo trajeto mais longo do Canal da Mancha, acreditava-se que o ataque seria em outro lugar e não ali, além das condições do clima fechado e chuvoso que se estabeleceu naquela noite, pois os aliados nunca fizeram uma invasão na Segunda Guerra Mundial até aquele momento em dias com tempo ruim, algo sempre salientado pelas lideranças militares alemãs. O fator “elemento surpresa” foi uma das maiores vantagens primárias para os aliados. De acordo com Cawthorne, 2012:

O moral das forças alemãs no Oeste não era bom. Depois de muitos meses – em alguns casos, anos – de espera, as tropas relaxaram. Sua atenção estava voltada para usufruir da comida, do vinho e das mulheres francesas. Também tiveram de suportar o efeito deletério do desprezo e, algumas vezes, da desobediência pura e simples da população ocupada. (CAWTHORNE, 2012. p.39)

Entretanto, em meados de 11 de julho, a dura resistência dos alemães propiciou as forças de invasão uma paralisia no avanço das operações em todos os setores, nenhuma tropa aliada conseguiu avançar mais que 24 quilômetros para o interior. Isso representava apenas um quinto de terreno pretendido que já deveria estar em posse dos aliados até aquele momento.

Segundo (RYAN, 2004, p.357) Sob as perspectivas de baixas sofridas ressalvam que as estimativas permanecem como contraditórios, já que pelo tipo de natureza do ataque, este fora totalmente singular na história; a maior parte dos historiadores militares diverge sobre os números desta ação militar. Alguns calculam que as perdas aliadas formam de dez mil, outros relatam que o número é de doze mil.

CONCLUSÃO

Conforme pudemos analisar as fontes sobre as informações do Dia D, concluímos que foi possível desembarcar e estabelecer uma cabeça de ponte (ponto de desembarque estratégico) firme na França, que estava em franca expansão e recebendo um fluxo extraordinário de homens e material com o auxílio das tropas

aerotransportadas. No entanto, os britânicos estavam no final da operação com suas “condições mínimas operantes”, o que não ocorreu com as forças americanas que estavam em “estado negativo”; em suma para justificar uma eventual superioridade operacional e contingente, os britânicos foram evacuados e postos fora de combate alguns dias depois das divisões americanas o que marcou uma verdadeira polêmica semanas após o Dia D. Na ironia da situação, a operação foi uma “dicotomia”.

As perdas humanas sofridas no desembarque aerotransportado são inestimáveis dentro de uma perspectiva ao mesmo tempo emocional e social. Entretanto, as condições dos conflitos mundiais, as nações inimigas para os aliados e o espectro do nazismo rondando as ditas democracias-liberais ocidentais precisavam ser detidas, a todo custo, mas que tinha certo preço: humano, material e político. Assim, o resultado da invasão aerotransportada é complexo. Mesmo que sem o auxílio das tropas aerotransportadas, a invasão do Dia D poderia dar certo, mas dentro de outra perspectiva tática, com outro tipo de conclusão das ações e até mesmo com um número relativamente maior de perdas para os aliados. Sendo assim, conseqüentemente, mudaria o cenário estabelecido através dos conflitos e processos decorrentes do mesmo.

6 de junho de 1944, consagrou-se como uma data mais que simbólica, pois foi uma resposta dos aliados ocidentais a seus eventuais aliados soviéticos no Leste. Dificilmente Hitler teria condições militares, estratégicas, bélicas e humanas de responder a duas ameaças em duas frentes de combate. O início de toda essa complexa tarefa esteve nas mãos da invasão aerotransportada aliada na madrugada de 6 de junho de 1944. Um marco na contemporaneidade histórica.



Imagem destacada sobre a área de pouso e atuação das tropas aerotransportadas britânicas na Normandia⁸.



Imagem destaca sobre a área de pouso a atuação das tropas aerotransportadas americanas⁹.

⁸ Fonte: BEEVOR, Dia D: A batalha pela Normandia. 2010, p. 79.

⁹ Fonte: BEEVOR, Dia D: A batalha pela Normandia. 2010, p. 93.

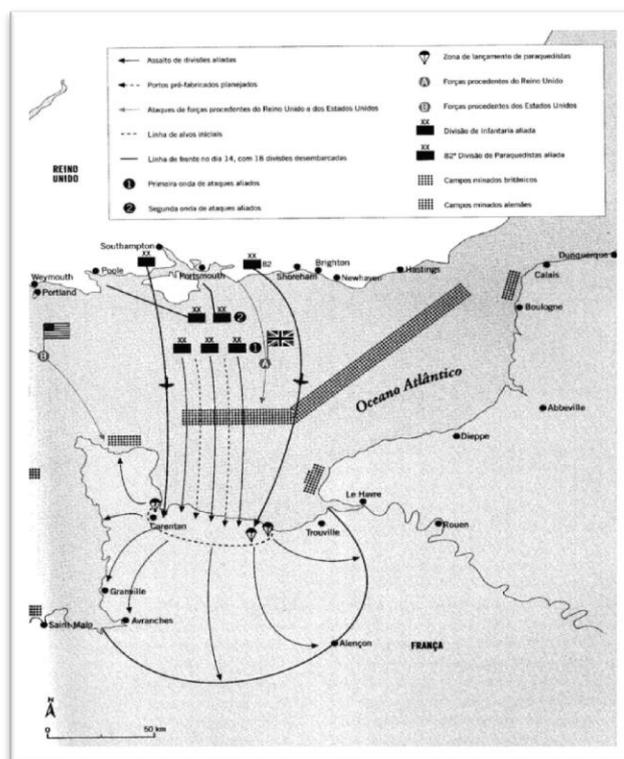


Imagem destacada sobre o plano oficial dos desembarques na Normandia¹⁰

REFERÊNCIAS

AMBROSE. Stephen E. *O dia D, 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil Ltda. 2007.

BEEVOR. Antony. *Dia D: A Batalha pela Normandia*. Rio de Janeiro – RJ. Record Ltda. 2010.

CAWTHORNE. Nigel. *Dia D – Amanhecer de Heróis. O Heroico desembarque na Normandia*. São Paulo – SP. M. Books do Brasil Editora Ltda. 2012.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX, 1914 – 1991*. São Paulo – SP: Ed. Companhia das Letras. 2001.

JORDAN. David. *História da 2ª Guerra Mundial – A maior e mais importante guerra de todos os tempos*. São Paulo – SP. M. Books do Brasil Editora Ltda. 2011.

LEWIN, Ronald. *Churchill, o lorde da guerra*. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Biblioteca do exército. 1979.

RYAN, Cornelius. *O mais longo dos dias*. Porto Alegre – RS. L&PM Editores. 2004.

¹⁰ Fonte: Coleção 70º aniversário da 2ª Guerra Mundial, v.23. – São Paulo, SP: Abril Coleções 2009, p. 49.